

Pensando e Fazendo Educação de Qualidade

Maria Teresa Eglér Mantoan

Capítulo 5 - Abrindo as Escolas às diferenças

Anotações

Como então apoiar as escolas para que se organizem e se tornem capazes de incluir alunos outrora banidos de suas salas de aula? Como influir no sentido de reestruturar suas práticas, redefinir seus programas de ensino e serviços de suporte na direção de inclusão escolar? Que formação oferecer aos professores para aprimorar o que assimilaram nos cursos e nas experiências em serviço? E as interações da escola com o meio social e cultural, que são o eixo da concepção e do desenvolvimento dos novos currículos acadêmicos? Com quem e com o que estamos contando para promover essa revolução educacional?

De modo geral temos muita dificuldade para fazer as escolas reconhecerem que precisam mudar, porém estamos trabalhando com sistemas de ensino e, assim, sentimo-nos mais respaldadas para assessorar os processos de mudanças.

A perturbação é muito forte, pois estamos falando de inclusão incondicional, que implica uma modificação igualmente drástica das estruturas escolares preexistentes, mas modificar não significa negá-las ou eliminá-las. O processo de incorporação do novo, nesse caso, é produzido por mecanismos de adaptação em que a assimilação é lenta, ocasionando muitas deformações da novidade e um balanço desproporcional entre as estruturas que se mantêm e as que se desenvolvem.

Em outras palavras, não conseguimos uma transformação real, duradoura se não vivermos esse “purgatório” da exclusão, que é um período em que precisamos de muita paciência e de crenças nos propósitos revolucionários para atingir o desejado: derrubar as resistências que nos impedem de criar condições para a inclusão escolar.

Condições para mudar as escolas

A maior desculpa para justificar o estado atual da maioria das nossas escolas é o despreparo do professor. Já sabemos que este é um motivo que pesa muito, mas não é suficiente para explicar o que acontece realmente com o ensino, nas escolas públicas e particulares, tão distantes ainda do que é uma instituição educacional inclusiva. Existem também os que não acreditam nos benefícios que alunos com deficiência podem auferir do ensino inclusivo, principalmente os casos mais graves. Esses alunos, por não terem condições de acompanhar os avanços dos demais colegas, seriam mais marginalizados e discriminados do que nas classes e escolas especiais.

Mudar a escola é enfrentar uma tarefa que exige trabalho em muitas frentes. Temos de agir urgentemente:

- Colocando a aprendizagem como eixo das escolas, porque elas existem para que todos os alunos aprendam;
- Garantindo tempo para que todos os alunos possam aprender e reprovando a repetência;
- Abrindo espaços para que a cooperação, o diálogo, a solidariedade, a criatividade e o espírito crítico sejam exercitados nas escolas por professores, administradores, funcionários e alunos, pois são habilidades mínimas para o exercício da verdadeira cidadania;
- Estimulando, formando continuamente e valorizando o professor, que é o responsável pela tarefa fundamental da escola: a aprendizagem dos alunos;
- Elaborando planos de cargos e aumentando salários, realizando concursos públicos de ingresso, acesso e remoção de professores.

Essas sugestões dizem respeito a mudanças na organização escolar, na formação de professores e à remoção de barreiras atitudinais à inclusão de todas as crianças, não apenas as deficientes ou com necessidades educacionais especiais, em salas de aula regulares.

Aspectos Pedagógicos; organizacionais:

A primeira condição para estar no caminho de uma educação aberta às diferenças e de qualidade é estimular as escolas para que elaborem com autonomia e de forma participativa o seu projeto político-pedagógico, diagnosticando a demanda, ou seja, verificando a quantidade de alunos, onde estão na escola e por que alguns estão fora dela.

Na visão inclusiva, não se segregam os atendimentos, seja dentro ou fora das salas de aula, e, portanto, nenhum aluno é encaminhado às salas de reforço ou apreende a partir de currículos adaptados. É o aluno que se adapta ao novo conhecimento e que autorregula a sua construção.

A avaliação constitui outro entrave na implementação da inclusão. É urgente suprimir o caráter classificatório da avaliação escolar, as notas, as provas, por outra concepção desse processo, que teria como objetivo depurar o ensino e torná-lo cada vez adequado e eficiente à aprendizagem de todos os alunos. Esta medida já diminuiria substancialmente o número de alunos indevidamente avaliados e categorizados como deficientes e/ou incapazes de cursar as escolas regulares.

A inclusão não requer um ensino específico para esta ou aquela deficiência e/ou dificuldade dos alunos. Eles aprendem até o limite a que conseguem chegar, se o ensino for de qualidade, isto é, se o professor considera as possibilidades de desenvolvimento de cada um e as explora por si mesmo, na medida de seus interesses, necessidades, competências, habilidades, ao resolver um problema ou realizar uma tarefa. Eis aí um grande desafio a ser enfrentado pelas escolas regulares tradicionais, baseadas na transmissão de conhecimentos.

A descentralização da gestão administrativa, por suavizar, promove uma maior autonomia pedagógica, administrativa e financeira de recursos materiais e humanos, por meio dos conselhos, colegiados, assembleias de pais e alunos. Mudam-se os rumos da administração escolar. E com isso o aspecto pedagógico das funções do diretor e do supervisor emerge. Deixam de existir os motivos pelos quais esses profissionais ficam confinados aos gabinetes, sem tempo para conhecer o que acontece nas salas de aula e delas participar.

A Formação Continuada Dos Professores

Nossa proposta de formação se baseia em princípios educacionais que reconhecem a cooperação, a autonomia intelectual e social e a aprendizagem ativa como condições que propiciam o desenvolvimento global de todos os alunos, assim como a formação inicial e o aprimoramento profissional dos professores.

O professor e o aluno não aprendem no vazio. Desse modo, nossa proposta de formação parte do “saber fazer” deste profissional, que já tem conhecimentos, experiências, crenças, esquemas de trabalho adquiridos ao entrar em contato com a inclusão ou qualquer outra inovação educacional.

O fato de os professores fundamentarem as práticas e os argumentos pedagógicos no senso comum é uma barreira que impede a explicitação dos problemas de aprendizagem. Esta dificuldade pode mudar a trajetória escolar de alunos que, muitas vezes, são encaminhados indevidamente para as modalidades do ensino especial e outras opções segregativas de atendimento educacional.

Daí a necessidade de se formarem grupos interdisciplinares de estudos nas escolas para o debate e a compreensão dos problemas educacionais, à luz de conhecimentos teóricos/científicos atualizados. Os grupos são organizados espontaneamente pelos próprios professores, no horário em que estão na escola e não são acompanhados, de início, pela equipe da rede de ensino encarregada de coordenar as ações de formação. O ponto de partida das reuniões são as necessidades e os interesses comuns dos professores de esclarecer situações e de aperfeiçoar o modo como trabalham na sala de aula.

Os Centros de Desenvolvimento Do Professor

Redes de ensino criaram o avanço nesse novo sentido de formação continuada sediando a maioria das ações de aprimoramento da rede, promovendo eventos de pequeno, médio e grande porte, como workshops, seminários, entrevistas com especialistas, fóruns e outras atividades. Esses Centros atendem individualmente e em pequenos e grandes grupos os professores, os pais, a comunidade e também encaminham alunos que necessitam de tratamento clínico em áreas que não são específicas da escola.

As escolas e os professores com as quais trabalhamos já apresentam sinais de que estão evoluindo dia a dia para uma educação de qualidade para todos. Estes sinais podem ser notadamente quando existem:

- Reconhecimento e valorização das diferenças como elemento enriquecedor do processo de ensino e aprendizagem;
- Consciência do modo de atuar para promover a aprendizagem de todos os alunos;
- Cooperação entre os envolvidos no processo educativo, dentro e fora da escola;
- Valorização do processo da aprendizagem;
- Enfoques curriculares, metodológicos e estratégias pedagógicas que possibilitam a construção coletiva do conhecimento.